

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: PROPOSTA DIDÁTICA PARA TRABALHAR O LÉXICO REGIONAL EM SALA DE AULA

Darlan Machado Dorneles (UFAC)

darlan.ufac@yahoo.com.br

Lindinalva Messias do Nascimento Chaves (UFAC)

lindinalvamessias@yahoo.com.br

RESUMO

O presente estudo apresenta uma proposta didática destinada ao 9º ano do ensino fundamental para trabalhar a variação linguística lexical, mais precisamente a de cunho regional, com base no romance *Terra Caída*, de José Potyguara. O romance revela a diversidade do português brasileiro, principalmente o vocabulário do seringueiro no passado, e, talvez, no presente, bem como constitui-se em uma página vida da história e da cultura acriana. O objetivo é levar os alunos a perceberem a referida diversidade e o registro da fala do seringueiro na obra. Possibilita-se, ainda, o acesso à literatura, à história e à cultura acrianas. As aulas serão expositivas e dialogadas. Em um primeiro momento, pretende-se discutir com os alunos a diversidade do português brasileiro, exemplificando com uma carta do *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB* e instigando-os a expor o que conhecem da realidade local. Em um segundo momento, apresenta-se o autor e inicia-se a leitura, compartilhada com os alunos em sala de aula, fazendo após cada capítulo lido a análise e solicitando aos alunos que listem os personagens e marquem as palavras do vocabulário, esclarecendo que tais palavras fazem parte do contexto de vida local, ou seja, é a realidade linguística e o falar típico do seringueiro, sujeito amazônico, acriano e da floresta. Em um terceiro momento, terminar a leitura. Em um quarto momento, como atividade pode-se pedir que a partir das palavras grifadas na leitura, procurem os conceitos nos dicionários e construam uma carta linguística. A avaliação pode ser feita em seminários, em que cada grupo apresentaria sua lista de palavras na escola. Espera-se que a proposta, além de conhecimento de uma das variedades do português brasileiro, incuta nos alunos o gosto pela literatura local e o respeito às diferenças regionais.

Palavras-chave: Literatura. Língua portuguesa. Variação lexical.

1. Introdução

A diversidade linguística da língua portuguesa falada no Brasil existe e precisa ser trabalhada em sala de aula. São diversas as formas e maneiras de levar para aulas de língua portuguesa a realidade linguística, por exemplo, o professor pode apresentar cartas linguísticas dos atlas linguísticos já publicados (exemplos da variação linguística) ou mesmo o vocabulário das obras literárias de cunho regional. Não é uma tarefa fácil, porém, precisa ser encarada tanto para atender o que exige os *Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa* (1997), quanto para

promover um processo de ensino-aprendizagem hábil e eficaz que considere a realidade da diversidade linguística, histórica, ética e cultural que cerca a escola pública no Brasil.

Diante disso, neste estudo, apresentamos uma proposta didática destinada ao 9º ano do ensino fundamental para trabalhar a variação linguística lexical, mais precisamente a de cunho regional com base no romance *Terra Caída*, de José Potyguara. O objetivo é discutir com os alunos a diversidade do português brasileiro, com vistas à compreensão dessa diversidade e ao reconhecimento seringueiro do vocabulário que está registrado na obra. Além disso, abrem-se possibilidades de acesso à literatura, à história e à cultura acriana. A importância de discutir, refletir, levar para a sala de aula a realidade linguística da língua portuguesa brasileira, bem como a relevância de despertar o gosto pela literatura, leitura, escrita e, principalmente, o respeito às diferenças são as justificativas apresentadas para a realização da presente proposta. Este trabalho, no que diz respeito à estrutura, está organizado da seguinte forma: introdução; uma seção dedicada à apresentação de conceitos relacionados à variação linguística lexical e ao processo de ensino-aprendizagem; apresentação do romance objeto de estudo; proposta de atividades; considerações finais e referências utilizadas na pesquisa.

2. *Variação linguística lexical e processo de ensino-aprendizagem*

A língua portuguesa do Brasil, na modalidade oral, não é perfeitamente uniforme no que tange ao seu repertório lexical, às formas de pronúncia, e, até mesmo, às suas estruturas sintáticas. Em relação a essa diversidade, Mollica e Luiza (2004, p. 10) afirma que a variação linguística é “um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente” e, principalmente trabalhada no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa em sala de aula. O léxico, em conformidade com Oliveira e Isquerdo (2001, p. 9), é o “(...) saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua” e:

constitui-se no acervo vocabular de um grupo sociolinguístico-cultural. Na medida em que o léxico se configura como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Em vista disso, o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. Desse modo, o universo lexical

de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos de cultura. (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2009, p. 9)

O léxico, como destacado por Oliveira e Isquierdo (2001, p. 9), é, em outras palavras, o tesouro vocabular partilhado pelos falantes de uma língua, janela que permite ver e recortar as realidades da vida humana, resultado do extenso conjunto de valores, crenças, hábitos e costumes, sofrendo inovações e transformações no decorrer do tempo, assim como, estabelecendo relação direta tanto com a história quanto com a cultura de determinado local. Desta forma, em conformidade com Paim (2001, p. 1), é visível que “o campo lexical de uma língua pode apresentar papel importante em termos de variação e mudança linguística, podendo-se, assim, encontrar nessa esfera uma grande variedade regional e sociocultural do português do Brasil”.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* – PCN (1997, p. 26) destacam que o Brasil possui uma imensa variedade dialetal e que existem preconceitos em relação às mais diferentes formas de se falar a língua portuguesa, considerando essas variedades “de menor prestígio como inferiores ou erradas”. O preconceito linguístico é uma prática perversa, desumana e cruel. Diante disso, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* orientam no sentido de que, compete exclusivamente à escola, e, mais especificamente ao professor, ensinar “o respeito à diferença”, afastando os mitos de que há uma única forma de falar corretamente e que é preciso consertar a fala. Com relação a esse tema, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* afirmam que

Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico. (BRASIL, 1997, p. 26)

Nesse sentido, o próprio documento que norteia o ensino de língua portuguesa no Brasil explica que “a questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas” (BRASIL, 1997, p. 26). Dessa forma, pode-se ressaltar que:

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais: planejamento e realização de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatiza-

ções, etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois seria descabido “treinar” o uso mais formal da fala. A aprendizagem de procedimentos eficazes tanto de fala como de escuta, em contextos mais formais, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la. (BRASIL, 1997, p. 27)

De fato, é papel da escola e do professor, considerando as situações comunicativas de utilização da língua portuguesa, ensinar sua utilização oral e escrita. Embora haja essas recomendações, segundo Santana e Neves (2015), a preocupação de muitas escolas é:

(...) ensinar aos estudantes como devem falar de acordo com a norma padrão. Sem a preocupação da reflexão e do embasamento teórico, perde-se a oportunidade de pensar que a forma como se fala é uma variação da língua e que existe uma língua oficial para a escrita ou para momentos sociais em que esta seja necessária, uma vez que se precisa de formalidade. Saber identificar que momentos são estes e qual variação se pode utilizar irá provocar reflexões no estudante sobre o modo de agir e pensar em relação à sua fala e mesmo às variedades linguísticas das quais dispõe, conscientizando-o de que nenhuma variação é melhor ou pior que a outra, mas sim, diferente. Práticas de reflexão e conscientização como essas contribuirão, certamente, para desarraigar de nossas escolas, dos docentes e dos estudantes o preconceito linguístico. SANTA-NA; NEVES, 2015, p. 77)

No que concerne ao preconceito linguístico, “é necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito” (BAGNO, 2002, p. 75) da língua. Portanto, o professor ao ensinar o uso da língua portuguesa em sala de aula, precisa levar em consideração a pluralidade dos usos, trazendo a reflexão, discutindo, e, principalmente chamando a atenção de todos para a diversidade linguística, histórica, étnica e cultural brasileira (CARDOSO, 2006, p. 106), que se revela nas diferentes realidades do país.

3. *Romance Terra Caída, de José Potyguara*

O romance *Terra Caída*, de José Potyguara, obra regionalista e de cunho imaginativo, ficcional e literário, narra a luta do homem num ambiente distante, inexplorável, hostil, cheio de doenças, animais perigosos, bem como a força diária no trabalho da extração da borracha para pagar o patrão e garantir a sobrevivência. Chico Bento é o personagem principal, no entanto, vários outros como, por exemplo, o coronel Antônio Monteiro (proprietário do seringal, rico e respeitado na região), Conrado (guarda-livros do armazém), Tomaz (capanga do coronel), Dona Maroca (esposa de Conrado), Rosinha (moça muito cobiçada), Nonato (noivo de

Rosinha), Anália (amante do coronel), Tiburtino (esposo de Anália), Elza (professora do seringal), Paulino (sobrinho do coronel), Mr. Scott (médico), entre outros, vão vivendo, sob o olhar do narrador heterodiegético ou observador, em meio a vários acontecimentos, muitas vezes, tragédias, revelando peculiaridades da difícil vida na floresta Amazônica.

Vindos, em sua grande maioria, do Ceará, os homens já chegam devendo a viagem, em seguida vão morar no centro da mata, devem comprar tudo do armazém do dono do seringal, assim como explorar a borracha e entregar ao patrão para pagar a interminável dívida. Chico Bento, personagem principal assim como outros sujeitos, foge da seca e da fome do Ceará, porém, passa a sofrer e lutar pela sobrevivência na selva. A filha mais nova morre de malária (impaludismo), o filho de oito meses é devorado por uma onça e, quando passa a morar e viver da agricultura na margem, perde o roçado e os animais na enchente do rio Juruá.

A história da obra em questão acontece no Ciclo da Borracha (1879-1912), inicia nos tempos áureos e termina na crise da borracha. No desfecho ocorre à tragédia final, o barranco às 00h desaba “carregando o armazém inteiro, com toda a mercadoria, e mais o escritório, com o cofre e livralhada e o borrado do fiado” (POTYGURA, 2007, p. 279), restando apenas à escola e o chalé do coronel Antônio Monteiro, que após ter sua saúde atingida, tem seus bens e fortuna levados para o fundo do rio Juruá pelas terras caídas do barranco em que se situava seu seringal.

O que chama a atenção é a riqueza do léxico exposto nos diálogos da obra que é, como diz Biderman (2001, p. 28), “a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através do tempo”. Diante disso, como já destacado no tópico anterior, é fundamental que o professor trabalhe em sala de aula a diversidade da língua portuguesa, principalmente expondo exemplos da realidade local. O romance *Terra Caída*, de José Potyguara, neste sentido, revela a diversidade da língua portuguesa brasileira, mais precisamente, aquela utilizada pelo seringueiro no passado e, talvez, no presente, bem como é uma página vida da história e da cultura acriana.

Assim, promover uma aula envolvendo a obra em questão, traz a variação linguística local, e possibilita o acesso à literatura, à história e à cultura acriana. Ademais, cabe salientar que os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* (1997, p. 29) orientam ainda que “é importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de

conhecimento” que desperta tanto o imaginário quanto contribui para o desenvolvimento da leitura e escrita em sala de aula.

4. Proposta de atividades

Esta proposta de aula destinada a alunos do 9º ano do ensino fundamental pretende trabalhar a variação linguística lexical regional com base no romance *Terra Caída*, de José Potyguara. A aula, que será expositiva, dialogada, interativa e reflexiva pode ser da seguinte forma:

- a) PRIMEIRA AULA – explicar a diversidade linguística, exemplificando com uma carta léxica do *Atlas Linguístico do Brasil* – ALiB e instigando os alunos a fornecerem seus exemplos de diversidade linguística.
- b) SEGUNDA AULA – apresentar o autor, o livro e iniciar com os alunos a leitura compartilhada da obra. Fazer após cada capítulo lido a análise com os alunos, pedindo que listem os personagens e grifem o vocabulário, esclarecendo que tais palavras fazem parte do contexto de vida local, ou seja, é a realidade linguística e o falar típico do seringueiro, sujeito amazônico, acriano e da floresta.
- c) TERCEIRA AULA – término da leitura.
- d) QUARTA AULA – na atividade pedir que os alunos elenquem as palavras já grifadas na leitura da obra, procurando os conceitos nos dicionários e construindo uma carta lexical desta variedade linguística acriana.

No primeiro momento, o professor pode iniciar a aula registrando os conhecimentos prévios dos alunos, por meio dos seguintes questionamentos: a) O que é variação linguística? b) Vocês falam da mesma forma que as pessoas de outras regiões? c) Todos falam da mesma forma em todas as regiões do Brasil? d) Por que há essa grande diversidade linguística, histórica e cultural? Feito isso, o professor partindo dos conhecimentos prévios dos alunos, pode explicar que a variação linguística é um fenômeno universal (MOLLICA; BRAGA, 2004, p. 10), ocorre em todas as línguas, envolvendo fatores regionais e questões sociais. Dessa forma, dependendo da região ou mesmo da pessoa, a fala é diferente, bem como a língua não é estática, de forma gradual, apresenta mudanças, sendo dinâmica.

Nesse sentido, consideramos importante mencionar que ninguém fala da mesma forma, em cada região do Brasil as pessoas falam de diferentes maneiras, sendo a diversidade linguística do país resultado da própria história de formação do território nacional. Além dos colonizadores portugueses e dos indígenas, vieram os africanos que foram escravizados, entre outros povos que, fizeram do Brasil um lugar mestiço, híbrido e rico no que diz respeito à variedade linguística (SANTANA; NEVES, 2015, p. 76). Ademais, destacamos o fato de que, sem dúvida alguma, “no Brasil, as variações linguísticas presentes carregam suas riquezas, heranças culturais e representam a identidade do povo brasileiro”. (SANTANA; NEVES, 2017, p. 79)

Essa diversidade linguística pode ser demonstrada de várias formas, para esta aula, optamos por trabalhar com duas cartas léxicas do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB). A carta constante da figura 1 mostra as variações da palavra neblina e a figura 2 da palavra tangerina nas diversas regiões do país. (Veja as figuras 1 e 2 na página seguinte)

Em seguida, no segundo momento, o professor pode fazer as seguintes perguntas: a) Vocês conhecem o romance *Terra Caída*, de José Potyguara? b) Vocês já conversaram com algum seringueiro ou soldado da borracha? c) Vocês já ouviram alguma palavra utilizada pelos seringueiros ou soldados da borracha? Depois disso, fazer a leitura compartilhada com os alunos da história da obra, relacionando com fatos da história e cultura acriana. Após cada capítulo lido, fazer a análise com os alunos, pedindo que listem os personagens e marquem o vocabulário do seringueiro presente na obra.



Fig. 1 – Variação da palavra *neblina* no português brasileiro. Fonte: ALiB (2014)



Fig. 2 – Variação da palavra *tangerina* no português brasileiro. Fonte: ALiB (2014)

No terceiro momento, a sugestão é que se termine a leitura da obra. Logo, no quarto e último momento, a proposta de atividade é fazer com que os alunos após a leitura da obra, elenquem as palavras grifadas, procurando os conceitos nos dicionários e construindo uma carta lexical desta variedade linguística acriana. Finalmente, a avaliação, elemento necessário na prática da docência, pode ser feita em seminários, em que cada grupo apresentaria sua lista de palavras na escola.

5. *Considerações finais*

Apresentar uma proposta de aula envolvendo a variação linguística a partir do texto literário regional é encarar novos desafios no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, isto é, uma possibilidade de cumprir o que estabelece os *Parâmetros Nacionais do Ensino de Língua Portuguesa* (1997), tentando desenvolver aulas pautadas na realidade linguística dos alunos, proporcionando o acesso tanto à história quanto a cultura a exemplo da nossa proposta. Desta forma, a variação linguística fonética, sintática ou mesmo lexical faz parte do cotidiano dos alunos, a escola e, de modo mais particular, o professor de língua portuguesa não pode ignorar isso, os atlas linguísticos já publicados ou mesmo as obras literárias regionais são exemplos vivos da diversidade linguística brasileira. Diante disso, o professor precisa deixar de se preocupar em ensinar apenas a gramática normativa, há outras possibilidades de trabalhar a língua portuguesa, privilegiando a leitura, a escrita e cumprindo o papel social da escola. Espera-se que a proposta, além de conhecimento de uma das variedades do português brasileiro, incute nos alunos o gosto pela literatura local e o respeito às diferenças regionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC, 1997.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; AGUILERA, Vanderci de Andrade; ARAGÃO, Maria do Socorro de; ISQUERDO, Aparecida Negri; RAZKY, Abelhak; MARGOTTI, Felício Wessling; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Atlas linguístico do Brasil: ALiB*. Londrina: Eduel, 2014.

CARDOSO, Suzana Marcelino. Dialectologia e ensino-aprendizagem da língua materna. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Marcelino (Orgs.). *Documentos 2: projeto atlas linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006.

DORNELES, Darlan Machado. *O léxico da obra "Terra Caída", de José Potyguara*. 2018. Dissertação (de Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade). – Universidade Federal do Acre, Rio Branco.

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza. – Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001.

PAIM, Marcela Moura Torres. A variação lexical do português falado no Brasil: reflexões sobre o campo semântico vestuário e acessórios dos dados do Projeto ALiB. In: *VI Simpósio Internacional de Estudo de Gêneros Textuais*, Natal: Edufrn, 2011.

POTYGUARA, José. *Terra caída*. São Paulo: Globo, 2007.

SANTANA, Jessé Ovídio; NEVES, Maria do Bom Parto Ferreira das. As variações linguísticas e suas implicações na prática docente. *Millenium*, n. 48, 2015. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millenium/Millenium48/6.pdf>> Acesso em: 20-08-2017.